

No início do século XVIII, quando em meu curso de rio Guaxo do Norte, eu cortava o arraial de Bento Rodrigues, era possível perceber como aquele local já consistia em referência para extração do ouro na região, encontrando-se por isso cada vez mais apinhado (UFMG/ICOMOS, 2019, p. 40).

No entorno desse e de outros povoados, foram erguidos sítios que proviam o abastecimento dos que ali habitavam. Assim, começaram a canalizar ou represar meu leito para irrigação de hortas, nas quais geralmente eram plantadas couve, alface, agrião, quiabo, cebola, alho... Minhas águas também permitiam o crescimento dos pomares, onde era possível encontrar bananeiras, laranjeiras, limeiras, limoeiros e figueiras, entre tantas outras árvores frutíferas. Os cultivos agrícolas mais expressivos, porém, eram os do milho e do feijão, seguidos pela cana-de-açúcar, mandioca, amendoim e arroz (LOPES, 2015, p. 362-363). Quanto à pecuária, o mais usual era a prática da criação de porcos, mas galinhas e patos revelaram-se outra fonte disponível de alimento. Por sua vez, a tração na lavoura e o transporte cotidiano eram assegurados pelo emprego de bois, cavalos e jumentos (UFMG/ICOMOS, 2019, p. 45). Daí que, diariamente, zurros, relinchos, guinchos e cacarejos mesclavam-se aos latidos dos cachorros, aos trotes dos cascos e ferraduras e à fala das pessoas (VIANA, 2011, p. 26; 38).

Outros sons diretamente associados a este ambiente rural eram os promovidos por monjolos, que aproveitando a força da água dos rios, operavam como um pilão, e as rodas d'água, que realizavam a moagem mediante a batida sucessiva de vários pilões. Segundo Ernest de Courcy, que viajou pela região por mim banhada já no final do século XIX, “Não se pode comparar melhor esse mecanismo que com uma caixa de música, que dotada de pontas, girando

sobre ela mesma, faz vibrar suas cordas umas após outras” (DE COURCY, 1997 [1886], p. 81).

Alguns sítios também possuíam, ao lado da vivenda dos moradores, paióis para armazenagem da munição, equipamento para beneficiamento da farinha de milho e de mandioca e senzalas. Afinal, enquanto o recurso à mão de obra indígena continuava recorrente, crescia o emprego da escravidão africana. Aqueles trazidos da Costa da Mina, por seu conhecimento de metalurgia, eram os mais cobiçados para a mineração (GONÇALVES, 2004, p. 15). Esses grupos promoviam sonoridades distintas, capazes tanto de atrair como de atemorizar, a exemplo dos candombes, os quais mantinham forte traço de sacralidade. Elemento central dessas práticas sonoras era o tambor, que evocava ancestrais, integrava sujeitos escravizados de diferentes etnias e fortalecia a resistência. Aos poucos, o candombe foi aproximando-se do catolicismo negro de confraria, sendo dançado dentro das capelas das Irmandades do Rosário ou no terreiro ao seu redor (DIAS, 2001, p. 12).

Outros sons também perpassavam aqueles arraiais – as gritarias que acompanhavam as disputas de péla e de bola, bem como de outros jogos praticados em todo lugar que houvesse um pequeno descampado (VIANA, 2011, p. 49). E, por vezes, o povo também aglomerava-se em torno de alguma apresentação musical mais simples, até mesmo improvisada, provinda do toque de gaitas, charamelas, pífaros e tambores. Além disso tudo, fora construída, no arraial de Bento Rodrigues, uma capela dedicada ao santo de mesmo nome.



Logo ela passou a possuir um sino, e suas badaladas demarcavam o sentido da passagem do tempo: trabalho e descanso, nascimento, casamento, doença, morte. Atuando como meio de comunicação coletivo, ele era tocado pelos zeladores nos horários da oração do Ângelus (nascido do sol, sol a pino e pôr do sol) e do toque das almas (uma hora após o pôr do sol). No caso do Ângelus, os toques consistiam em 9 badaladas, agrupadas de três em três, de maneira a permitir a recitação de cada uma das três partes da oração, seguida de uma Ave-Maria. O toque das almas convidava para a oração do salmo De profundis, recitado na intenção dos defuntos. Finalmente, das oito para às nove horas da noite, ouvia-se o toque de recolher, o qual, além do fechamento das vendas, indicava que os moradores deveriam permanecer em suas casas. Para as mulheres, o recolhimento era antecipado para a hora das Ave-Marias (VIANA, 2011, p. 54-56).

Na mistura de todos esses sons, era notório como aqueles sertões, definitivamente, estavam sendo povoados.



#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DE COURCY, Ernest. *Seis Semanas nas Minas de Ouro do Brasil*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1997.

DIAS, Paulo. A outra festa negra. In: KANTOR, Iris; JANCSÓ, István (org.). *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 2001. Disponível em: [http://cachuera.org.br/cachuerav02/images/stories/arquivos\\_pdf/aoutrafestanegra.pdf](http://cachuera.org.br/cachuerav02/images/stories/arquivos_pdf/aoutrafestanegra.pdf). Acesso em 25 fev. 2020.

GONÇALVES, Andréa Lisly. *Escravidão, herança ibérica e africana e as técnicas de mineração em Minas Gerais no século XVIII*. 2004. <https://diamantina.cedeplar.ufmg.br/portal/download/diamantina-2004/D04A031.pdf>.

LOPES, Luciano M. N. O rompimento da barragem de Mariana e seus impactos socioambientais. *Sinapse Múltipla*, v. 5, n. 1, jun 1-14, 2016.

UFMG/ICOMOS. *Dossiê de tombamento de Bento Rodrigues*. Belo Horizonte, maio 2019. Disponível em: <http://patrimoniocultural.blog.br/wp-content/uploads/2019/06/DOSSIE-BENTO-ICOMOS-2019.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2019.

VIANA, Fábio Henrique. *A paisagem sonora de Vila Rica e a música barroca das Minas Gerais (1711-1822)*. Tese (Doutorado em História). 2011. 203f. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

